

Hiromi Nagakura

até a Amazônia com
all the way to the Amazon with

Ailton Krenak

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

In August 1993, the first of several meetings would take place to converge two apparently very distinct paths. Hiromi Nagakura, Japanese photographer, had recently arrived in Brazil for another of his trips. He had not yet met the indigenous activist Ailton Krenak in person, but when he saw the images of his future friend's emblematic speech at the Constituent Assembly (4 September 1987), he longed to have him as a partner and interlocutor in his search for the different native Brazilian ethnic groups.

Such a meeting would have seemed hindered not only by the geographical distance, but also the language barrier between the pair. Nagakura's interpreter and producer, Eliza Otsuka, was responsible for bringing these universes together, and from then on took part in a series of journeys they embarked on together – the embryos of a long-lasting friendship.

This exhibition presented to the Brazilian public brings a unique selection of photographs taken by Nagakura in the 1990s while on numerous expeditions to the states of Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo and Amazonas. Together, Krenak and Nagakura were able to approach, live with and document the culture of the Krikati, Gavião, Xavante, Huni Kuin, Yawanawá, Ashaninka, and Yanomami peoples.

Em agosto de 1993 deu-se o primeiro de muitos encontros que uniriam dois caminhos aparentemente tão diversos. Hiromi Nagakura, fotógrafo japonês, havia chegado recentemente ao Brasil para mais uma de suas viagens. Ainda não conhecia pessoalmente o ativista indígena Ailton Krenak, mas ao tomar contato com as imagens do discurso emblemático do futuro amigo na Assembleia Constituinte (1987), almejou tê-lo como parceiro e interlocutor em sua busca pelas diferentes etnias dos povos originários brasileiros.

Além da distância geográfica, a barreira do idioma também parecia ser um entrave para esse encontro. Eliza Otsuka, intérprete e produtora de Nagakura, foi responsável pela aproximação desses universos, participando a partir daí de uma série de percursos realizados em conjunto, embriões de uma longa amizade.

A exposição agora apresentada ao público brasileiro traz uma seleção única de registros realizados pelo grande fotógrafo japonês nos anos 1990 por meio de diversas expedições aos estados do Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo, Pará e Amazonas. Juntos, Krenak e Nagakura puderam aproximar-se, conviver e registrar a cultura dos povos Krikati, Gavião, Xavante, Huni Kuin, Yawanawá, Ashaninka e Yanomami.

Com curadoria de Ailton Krenak, a mostra – que já passou pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Fortaleza – chega agora a Belém com a possibilidade singular de percorrer a potente trajetória de Hiromi Nagakura no fotojornalismo internacional.

Agradecemos primeiramente a todo o povo das aldeias, homens, mulheres e crianças que receberam Hiromi Nagakura e Ailton Krenak em suas casas com generosidade e alegria: Watoriki (Yanomami), São Pedro (Xavante), Mãe Maria (Gavião), São José (Krikati), Nova Esperança (Yawanawá), Apiwtxa (Ashaninka) e São Joaquim (Huni Kuin/Kaxinawá). Agradecemos a Angela Pappiani, Eliza Otsuka e Priscyla Gomes pela dedicação e assistência na curadoria deste projeto.

O Instituto Tomie Ohtake agradece ao Banco da Amazônia, em parceria com o Governo Federal, pelo patrocínio e viabilização da exposição *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak*.

After being presented at São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, and Fortaleza, the exhibition curated by Ailton Krenak now arrives at Belém, bringing the unique opportunity to witness Hiromi Nagakura's powerful trajectory in international photojournalism.

We would firstly like to thank all the peoples of the villages, the men, women and children who welcomed Hiromi Nagakura and Ailton Krenak in their homes with generosity and happiness: Watoriki (Yanomami), São Pedro (Xavante), Mãe Maria (Gavião), São José (Krikati), Nova Esperança (Yawanawá), Apiwtxa (Ashaninka) and São Joaquim (Huni Kuin/Kaxinawá). We are grateful to Angela Pappiani, Eliza Otsuka and Priscyla Gomes for their dedication and assistance in curating this project.

The Instituto Tomie Ohtake thanks the Banco da Amazônia and the Federal Government for their partnership and support in making the exhibition *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak* [Hiromi Nagakura All the Way to the Amazon with Ailton Krenak].



Povo Xavante, aldeia São Pedro, Década de 1990. *Xavante people, São Pedro village. 1990s.*

A sombra e o samurai

The Shadow and the Samurai

AILTON KRENAK CURADOR CURATOR

Nagakura-san é um samurai. Sua espada é uma câmera que ele maneja com a segurança de quem já passou por campos de refugiados e esteve no centro das praças de guerra, por lugares como África do Sul, Palestina, El Salvador e Afeganistão.

No Afeganistão, antes da chegada do Talibã, registrou a entrada vitoriosa do grande líder popular Massoud em Cabul. Massoud, aquele chefe tribal que organizou a resistência nacional para expulsar os russos na década de 1990 e que foi assassinado dois dias antes do atentado de 11 de setembro de 2001.

Nagakura-san acompanhou a África do Sul desde a libertação de Mandela até a derrubada do *apartheid* com reportagens que eternizaram a década de 1990 como um divisor de épocas.

Depois desse mergulho no inferno global, quando sentiu de perto a loucura dos seres humanos, o samurai da câmera descobriu a floresta amazônica e seus povos nativos.

Fui seu guia nessa entrada na floresta, um presente que a vida nos concedeu. Nós dois tínhamos a mesma idade, assim como nosso amigo Massoud. Nagakura-san tomou isso como motivo para criar um projeto de documentários simultâneos em três continentes: América Latina, África e Ásia.

Seres humanos foi o título de seu primeiro livro publicado no Japão com a série de reportagens feitas entre 1994 e 1996, antecedido de publicações nos jornais e revistas, com repercussão em todo o país, claro. Pois Nagakura-san é fotógrafo de um continente, como nosso Sebastião Salgado. Pois não encontro melhor semelhança para indicar a importância de seu trabalho além desta comparação simplista entre as duas personalidades engajadas, sempre surfando na crista do perigo e antenadas com as questões mais vibrantes do planeta: seres humanos e natureza.

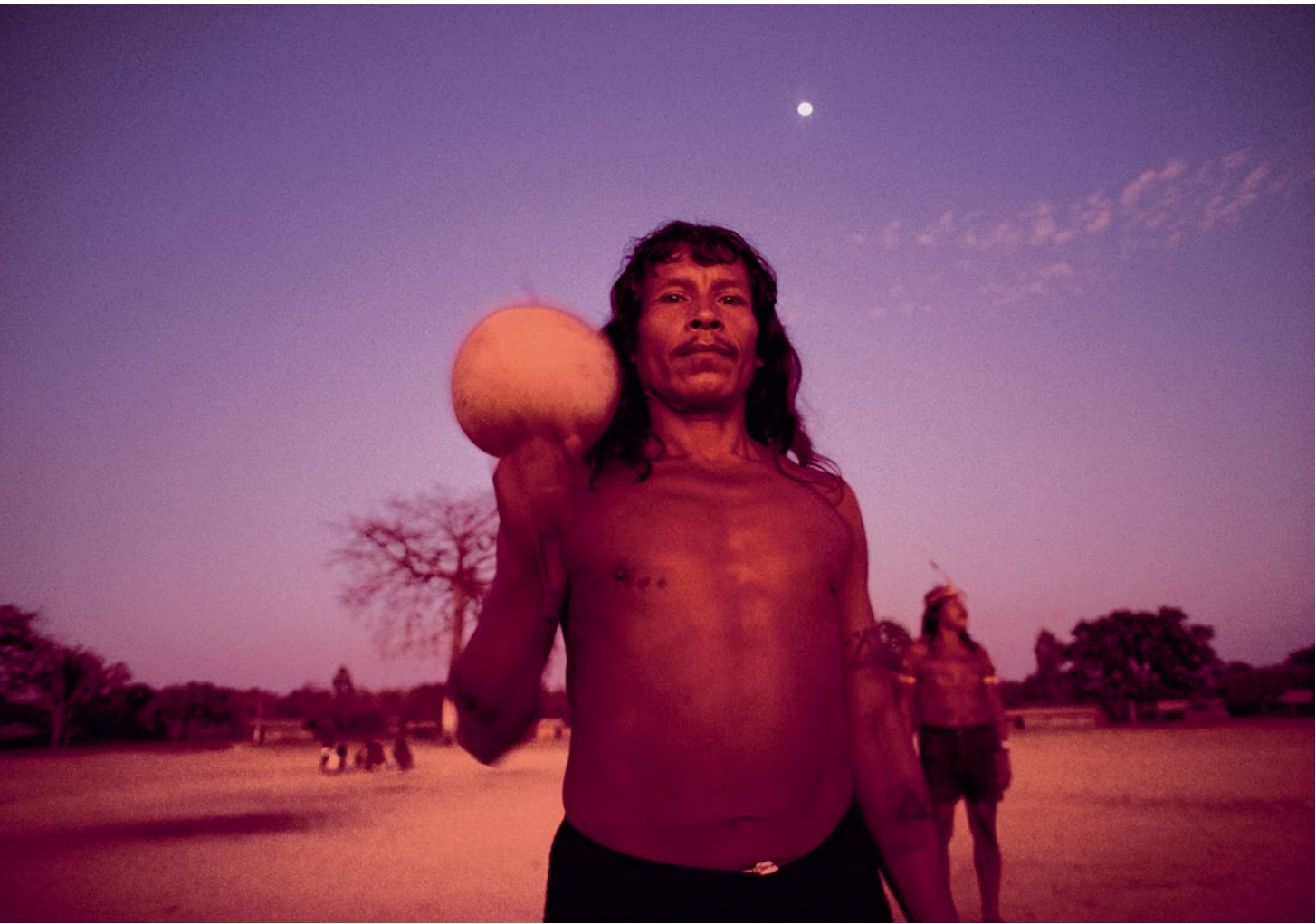
Esses dois assuntos são um mesmo e eterno problema na lente desse samurai que aceitou ser minha sombra por quatro anos seguidos, em sete viagens pela Amazônia, algumas durando até quarenta dias. Passando por uma diversidade de lugares onde somente os indígenas andaram antes dele, cobrindo conflitos de terra, garimpagem clandestina, invasões. Além de acompanhar festas e rituais nas aldeias do Acre, Mato Grosso, Maranhão, Roraima e Amazonas.

Nossas viagens foram registradas em livros, exposições e documentários para a NHK, canal aberto para milhões de pessoas. O livro *Seres humanos – Amazônia*, lançado em 1998, em Tóquio, teve enorme repercussão e foi seguido de duas exposições e exibição em programas na TV com muita mídia voluntária, abrindo espaço para o reconhecimento do Brasil, da Amazônia e dos povos indígenas.

Eu e Nagakura andamos por dezenas de aldeias nas cabeceiras dos rios Juruá, Negro e Demini, Tarauacá e Gregório, além de cortar estradas pelo cerrado e regiões de florestas onde a vida continua vibrante como nos primórdios da criação.

Os seres humanos ainda dançam para o sol do meio-dia, cantam para encerrar o dia e brincam na chuva com crianças felizes com a vida.

Por quase cinco anos, Nagakura-san visitou comigo as aldeias de nossos amigos que viveram junto com a gente esses tempos de aventura e coragem. Aventura que começamos numa conversa, sentados em esteiras, na sede da Aliança dos Povos da Floresta, no bairro do Butantã, em São Paulo, onde Eliza-san me apresentou o plano de viagens do samurai Nagakura e resumi com estas palavras o conceito todo do projeto para alguns anos dali para frente: "ele vai ser a sua sombra por onde você for, quando estiver dormindo e quando estiver acordado..."



Dorival Wetxwa. Povo Krikati, aldeia São José. Década de 1990. *Krikati people, São José village. 1990s.*

BANCO DA AMAZÔNIA

É uma honra receber você no Centro Cultural Banco da Amazônia, um lugar onde a cultura amazônica pulsa e se reinventa. Mais do que um espaço expositivo, somos um território de encontro, diálogo e criação, comprometido com a valorização das expressões artísticas e saberes que tornam a Amazônia única.

Nossa missão é ser um agente ativo na promoção da diversidade cultural, ampliando horizontes e fortalecendo nossa presença no cenário nacional e internacional. Essa essência se materializa na exposição *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak*, uma mostra inédita que celebra a riqueza e a resistência dos povos indígenas da Amazônia brasileira e do Cerrado.

Com curadoria de Ailton Krenak e curadoria adjunta de Priscyla Gomes, Angela Pappiani e Eliza Otsuka, a exposição apresenta registros do fotógrafo japonês Hiromi Nagakura, realizados na década de 1990 em cinco viagens pelos estados do Acre, Mato Grosso, Maranhão, Roraima e Amazonas, sob orientação da liderança indígena Ailton Krenak. As imagens documentam e celebram a beleza e a resistência das comunidades Yanomami, Xavante, Krikati, Gavião, Yawanawá, Huni Kuin e Ashaninka.

A programação inclui palestras, oficinas e visitas mediadas, com o objetivo de promover conhecimento e reflexão. Complementarmente, serão disponibilizados materiais educativos, um jornal e um catálogo, ampliando o alcance das informações apresentadas.

Convidamos todos a vivenciar esta experiência única, refletir sobre as narrativas registradas por Nagakura e reconhecer o papel essencial da cultura na construção de uma sociedade plural e inclusiva. Que esta iniciativa consolide o Centro Cultural Banco da Amazônia como referência em criatividade e diversidade.

It is an honor to welcome you to Centro Cultural Banco da Amazônia, a place where Amazonian culture pulses and reinvents itself. More than an exhibition space, we are a territory of encounter, dialogue, and creation, committed to valuing the artistic expressions and forms of knowledge that make the Amazon unique.

Our mission is to be an active agent in fostering cultural diversity, broadening horizons, and strengthening our presence in both the national and international spheres. This essence takes shape in the exhibition *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak* [Hiromi Nagakura All the Way to the Amazon with Ailton Krenak], a new show that celebrates the richness and resistance of the indigenous peoples of the Brazilian Amazon and the Cerrado biome.

Curated by Ailton Krenak, with associate curators Priscyla Gomes, Angela Pappiani, and Eliza Otsuka, the exhibition presents pictures by the Japanese photographer Hiromi Nagakura, taken in the 1990s during five journeys through the states of Acre, Mato Grosso, Maranhão, Roraima, and Amazonas under the guidance of Indigenous leader Ailton Krenak. These images

document and celebrate the beauty and resilience of the Yanomami, Xavante, Krikati, Gavião, Yawanawá, Huni Kuin, and Ashaninka communities.

The public program includes talks, workshops, and mediated visits designed to promote learning and reflection. Complementary materials such as educational resources, a newspaper, and a catalogue will also be made available to broaden the scope of the exhibition's content.

We invite everyone to take part in this unique experience, to reflect on the narratives recorded by Nagakura, and to recognize the essential role of culture in building a plural and inclusive society. May this initiative consolidate Centro Cultural Banco da Amazônia as a reference in creativity and diversity.

Nagakura-san is a samurai. His sword is a camera that he handles with the assurance of someone who has spent time in refugee camps and been in the middle of battlefields in places such as South Africa, Palestine, El Salvador and Afghanistan.

In Afghanistan, prior to the arrival of the Taliban, he registered the great popular leader Massoud's victorious entry into Kabul. Massoud was that tribal chief who organised the national resistance to expel the Russians in the 1990s and who was assassinated two days before the 9/11 terrorist attack in 2001.

In South Africa, Nagakura-san followed events from the release of Mandela to the end of apartheid with reports that have consolidated the 1990s as a watershed era.

Following this plunge into the global hell, when he felt the madness of human beings at close quarters, the samurai of the camera discovered the Amazon rainforest and its native peoples.

I was his guide to venture into the forest, a gift that life has granted us. We were both the same age, as was our friend Massoud. Nagakura-san took this as a reason to create a simultaneous documentary project in three continents: Latin America, Africa and Asia.

Human Beings was the title of his first book published in Japan with the series of reports made between 1994 and 1996, preceded by publications in newspapers and magazines, which caused repercussions throughout the country, of course. For Nagakura-san is a photographer of a continent, like our own Sebastião Salgado. Indeed, I can find no better similarity to indicate the importance of his work than this simplistic comparison between two engaged personalities, always surfing the crest of danger and attuned to the planet's most vibrant issues: human beings and nature.

These two issues are one and the same eternal problem through the lens of this Samurai that agreed to be my shadow for four consecutive years, on seven trips through Amazon, some lasting up to forty days. Passing through a range of places where only indigenous people had walked before him, covering conflicts over lands,

clandestine placer mining, invasions. He also observed celebrations and rituals in villages in Acre, Mato Grosso, Maranhão, Roraima and Amazonas.

Our journeys were recorded in books, exhibitions and documentaries for NHK, a free-to-air channel that broadcasts to millions of people. The book *Vive, Human Beings!*, released in 1998 in Tokyo, made a huge impression and was followed by two exhibitions and TV coverage with plenty of voluntary media, with air time dedicated to the recognition of Brazil, the Amazon region and indigenous peoples.

After all, Nagakura and I walked through dozens of villages in the headwaters of the Juruá, Negro, Demini, Tarauacá and Gregório rivers, as well as venturing through the *cerrado* and forest regions where life remains as vibrant as in the dawn of creation.

And Human Beings still dance to the middy sun, sing to close the day and play in the rain like happy children enjoying life.

For almost 5 years, Nagakura-san visited the villages of our friends who shared those times of adventure and courage with us. This adventure began in a conversation, while we sat on mats at the headquarters of the Forest Peoples Alliance, in the Butantã neighbourhood of São Paulo. Eliza-san introduced me to the samurai Nagakura's travel itinerary and, in the following words, summarised the whole concept of the project for some years to come: "He will be your shadow wherever you go, when you are sleeping and when you are awake..."

I was a little apprehensive, but I realised that it was a samurai thing and went along with it. This whole story is gathered in one of the books I most appreciate without ever having been able to read a single line, written in nihongo and published by Tokuma publishing house in Tokyo in 1998, entitled *Like a bird, like a river*, which I adopted as my biography by Hiromi Nagakura.

Nagakura-san, just like me, went through tough challenges over the decades that separated our last meeting in the late 1990s and these early 2020s, with incalculable losses to the world we share, when *human beings* distanced

Fiquei um pouco incomodado, mas vi que era coisa de samurai e topei. Esta história toda está reunida em um dos livros que mais aprecio sem nunca ter conseguido ler uma única linha, escrito em nihongo e publicado pela editora Tokuma, de Tóquio, em 1998, intitulado *Assim como os rios, assim como pássaros: uma viagem com o filósofo da floresta, Ailton Krenak*, que assumi como minha biografia feita por Hiromi Nagakura.

Nagakura-san, assim como eu, teve duras travessias ao longo das décadas que separam o nosso último encontro, no final da década de 1990, e estes primeiros vinte anos do século 21, com perdas incalculáveis para o mundo que compartilhamos, quando os *human beings* se afastaram do cuidado com as florestas que tanto amamos. Ficamos também mais velhos e calejados com a luta por um mundo possível, de convivência entre humanos e não humanos, adentrando a realidade das mudanças climáticas, exigindo de cada um de nós mais coragem e disposição para lutar.

Conseguimos, enfim, reunir esforços para fazer uma celebração em torno dessa amizade alimentada pelo sonho e beleza da obra do fotógrafo Hiromi Nagakura, que segue viajando por regiões fora da cartografia ocidental, como Vietnã, Tailândia, Madagascar e Sibéria, lugares de sentido profundo para a continuidade de seu trabalho dedicado à infância em convívio com espaços onde a natureza em transformação ainda oferta visões do paraíso na Terra.

A itinerância da exposição *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak*, no Centro Cultural Banco da Amazônia, traz algumas das belas imagens que nossas viagens às aldeias e comunidades na Amazônia brasileira permitiram registrar. Momentos de intimidade e contentamento entre “amigos para sempre”.

Será uma oportunidade de compartilhar memórias afetivas de encontros dos povos da floresta com o samurai da fotografia, Hiromi Nagakura.

themselves from caring for the forests we love so much. We have also become older and more hardened by the struggle for a possible world, of coexistence between humans and non-humans, entering the reality of climate change, which demands from each and every one of us more courage and willingness to fight.

We finally managed to join forces to celebrate this friendship nourished by the dream and beauty of the work of photographer Hiromi Nagakura, who continues to travel through regions off the Western map, such as Vietnam, Thailand, Madagascar and Siberia. Such places hold deep significance for the continuity of his work dedicated to childhood in harmony with spaces where a transforming nature still offers visions of paradise on Earth.

The iteration of the exhibition *Hiromi Nagakura all the way to the Amazon with Ailton Krenak*, at Centro Cultural Banco da Amazônia, presents some of the beautiful images we were able to register on our trips to the villages and communities in the Brazilian Amazon, between 1993 and 1997. Moments of intimacy and contentment between “friends for life”.

This is an opportunity to share emotive memories of encounters between the forest peoples and the samurai of photography, Hiromi Nagakura.

Krĩcatijê — Krikati



Ariana Craxen Krikati. Povo Krikati, aldeia São José. Década de 1990. *Krikati people, São José village. 1990s.*

Os Krĩcatijê – “aqueles da aldeia grande”, como se autodenominam os Krikati – são um povo guerreiro. Pertencem à grande família dos Timbira. Mesmo com mais de 250 anos de contato com os colonizadores que ocuparam essa região do Maranhão com disputas e violências, esse povo luta bravamente para manter seu território tradicional e sua cultura.

A Terra Indígena Krikati, demarcada nos anos 1990, está localizada nos municípios de Montes Altos e Sítio Novo, a sudoeste do estado, nas bacias dos rios Tocantins e Pindaré-Mearim.

Apesar de demarcado, o território sofre invasões e depredações do patrimônio natural, havendo até mesmo projetos governamentais de desenvolvimento, como a construção de linhas de transmissão de energia na região, sem consulta nem estudos de impacto. O povo Krikati se mobiliza para proteger a terra e suas tradições.

Toda a vida da aldeia se divide em dois grandes tempos: o tempo das chuvas, quando acontecem os rituais ligados à fartura e à natureza, e o tempo da seca, quando acontecem as cerimônias de iniciação dos jovens.

Os cantos são o eixo das cerimônias que reúnem o povo em torno da grande árvore “barriguda” no centro da aldeia principal, chamada São José. A força vem do canto coletivo, do movimento vigoroso do maracá nas mãos do puxador, das vozes de homens e mulheres ecoando no cerrado durante a noite toda. As coreografias da dança e os corpos pintados de jenipapo e urucum imitam os movimentos e as formas da natureza.

Nagakura-san se apaixonou pelo povo Krikati, por sua beleza e espontaneidade, resiliência, bravura e doçura. Visitou a aldeia em três ocasiões diferentes.

The Krĩcatijê – “those from the big village”, as the Krikati call themselves – are a warrior people. They belong to the large Timbira family. Despite having elapsed over 250 years since first contact with the colonisers who occupied this region of Maranhão amid disputes and violence, these people fight bravely to maintain their traditional territory and culture.

The Krikati Indigenous Land, demarcated in the 1990s, is located in the municipalities of Montes Altos and Sítio Novo, in the southwest of the state, in the Tocantins and Pindaré-Mearim river basins.

Despite being demarcated, the territory has been the target of invasions and depredations of its natural heritage, and there are even government development projects, such as the construction of energy transmission lines on the land, with no consultation or impact studies. The Krikati people are mobilising to protect the land and their traditions.

The entire village life is split into two long periods of time: the rainy season, when rituals linked to abundance and nature take place, and the dry season, when initiation ceremonies for the young are held.

The chants are the axis of the ceremonies that gather the people around the great “barriguda” (big belly) tree in the centre of the main village of São José. The strength comes from the collective singing, the vigorous movement of the maraca in the hands of the leader, the voices of men and women echoing through the cerrado all night long. The dance choreographies and the jenipap-and urucum-(annatto) painted bodies imitate the movements and shapes of nature.

Nagakura-san fell in love with the Krikati people, with their beauty and spontaneity, resilience, bravery and gentleness. He visited the village on three different occasions.

MARANHÃO
tempo de contato
250 anos
tronco linguístico
Macro-jê,
Família Timbira
população
Cerca de 1.200 pessoas

time since
first contact
250 years
linguistic stock
Macro-jê,
Timbira family
population
Roughly 1,200 people

A’uwê Uptabi — Xavante

O povo Xavante, guerreiro e caçador, se autodenomina A’uwê Uptabi – “gente verdadeira”. Vive nos vastos campos do cerrado, desde que os ancestrais atravessaram o Rio das Mortes há quase duzentos anos. Resistiram bravamente à entrada das frentes de atração na década de 1940, atacando com flechas e bordunas os aviões que sobrevoavam a aldeia. A pacificação dos *warazu* – os estrangeiros – se deu a partir de 1946, durante a Grande Marcha para o Oeste, iniciada no governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Apesar de terem nove terras indígenas demarcadas, em diferentes municípios do estado do Mato Grosso, cada uma delas lida com diferentes ameaças ao patrimônio físico e cultural, com interferência de religiões, agronegócio, projetos de desenvolvimento e avanço das cidades.

Os A’uwê são de uma linhagem antiga, vieram da raiz do céu. Os homens usam o brinco e a gravata cerimonial de algodão. Homens e mulheres se pintam com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas. O corte de cabelo, os adornos e pinturas dão identidade ao povo Xavante que segue praticando seus rituais de formação dos jovens e iniciação espiritual. O sonho direciona a vida, dá o rumo, a orientação, responde a todas as questões. É no sonho que chegam os cantos, transmitidos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia.

A cerimônia de furação de orelha é um marco para toda a comunidade. Acontece a cada cinco anos, quando os meninos que ficaram reclusos na casa dos solteiros completam seu aprendizado dos princípios da tradição.

Nagakura-san ficou impressionado com a força e determinação do povo e com o sentido coletivo de vida. As imagens revelam essa admiração nas danças circulares e no grupo de homens deitados no pátio central, reunidos para sonharem juntos.

The Xavante people call themselves A’uwê Uptabi – “true people”. It is a warrior and hunter people. They have lived in the vast fields of the cerrado since their ancestors crossed the Rio das Mortes nearly two hundred years ago. They bravely resisted the entry of the attraction fronts in the 1940s, attacking the planes that flew over the village with arrows and *bordunas* (spear-like wooden weapons). The pacification of the *warazu* – the foreigners – began in 1946, during the Great March Westwards, initiated by the Getúlio Vargas government (1930-1945).

Despite having nine demarcated Indigenous lands, in different municipalities of the state of Mato Grosso, each one of them is subject to different threats to the physical and cultural heritage, with interference from religions, agribusiness, development projects and the advance of cities.

The A’uwê are of an ancient lineage: they came from the root of the sky. The men wear the ceremonial cotton tie and earring. Men and women paint

themselves with genipap, charcoal and urucum (annatto), remove their eyebrows and eyelashes, and wear strings on their wrists and legs. The haircut, adornments and body painting give identity to the Xavante people, who continue to practice their formative and spiritual initiation rituals. The dream directs life; it gives the bearings, guidance, answers all questions. It is in the dream that the songs arrive, transmitted by the ancestors and shared with all the people of the village.

The ear-piercing ceremony represents a milestone for the entire community. It takes place every five years, when the boys who have been secluded in the bachelors’ house complete their learning of the principles of the tradition.

Nagakura-san was impressed by the strength and determination of the people and their collective meaning of life. The images reveal this admiration in the circular dances and the group of men lying down in the central yard, gathered to dream together.

MATO GROSSO
tempo de contato
75 anos
tronco linguístico
Macro-jê
população
Cerca de 23 mil pessoas

time since
first contact
75 years
linguistic stock
Macro-jê
population
Approximately 23,000 people



Povo Xavante, aldeia São Pedro. Década de 1990. *Xavante people, São Pedro village. 1990s.*

Yawanawá



Povo Yawanawá. Década de 1990. *Yawanawá people. 1990s.*

The Yawanawá people are the people of the white-tipped peccary (a piglike ungulate). They live on the banks of the Gregório River, on the many bends it makes through the forests which in the past was all traditional territory and today is the municipality of Tarauacá, in Acre.

The Yawanawá are experiencing an intense period of strengthening of their culture and traditional knowledge, after suffering slavery and erasure from the turn of the 20th century until the 1970s, when rubber tappers occupied their territories and subjugated the traditional populations of Acre.

The straw-covered houses, with paxiúba floors and supports, are large spaces open to nature, a place for living and learning, for building culture and a relationship with the spiritual world.

After recognising themselves and being recognised as a native people, achieving the demarcation of their territory, they sought to recover and strengthen traditions that had been forbidden for so long. Today they seek to spread their culture and spirituality, inviting non-indigenous people to learn about their way of life and participate in their lively ceremonies and celebrations that gather young people and elders from various villages.

The retreats for spiritual initiation involve diets and ingesting power plants that bring teachings through visions and dreams. The healing rituals involve *Uni*, as they call ayahuasca.

Nagakura-san visited the Yawanawá village with his friend Ailton Krenak, living with the people through days of celebration and joy documented in his images.

ACRE – RIO GREGÓRIO
(TAMBÉM NO PERU E BOLÍVIA) ,
MUNICÍPIO DE TARAUCÁ
tempo de contato
Aproximadamente 150 anos
tronco linguístico
Pano
população
Cerca de mil pessoas

ACRE – GREGÓRIO RIVER (ALSO IN PERU AND BOLIVIA) ,
MUNICIPALITY OF TARAUCÁ
time since
first contact
Roughly 150 years
linguistic stock
Pano
population
Approximately 1,000 people

Yanomami



Arina Yanomami. Povo Yanomami, Aldeia Demini - Watoriki. Década de 1990. *Yanomami people, Demini village - Watoriki. 1990s.*

The Yanomami, in their various sub-groups that move around and create their villages in the forests of Brazil's far north, are perhaps the last great human group living in a traditional and free way, with their knowledge, wisdom and art in the likeness of their ancestors, created by Omama.

For thousands of years they lived healthily, developing their technologies from the forest, depending in no way on the bustling world that closed in around their villages. References to them can be found in accounts since the early 20th century, but the pressure of the *napê* – the foreigners/enemies – only arrived in an overwhelming and destructive form in the 1960s and 1970s, during

the dictatorship, when the government decided to occupy "the great emptiness" of Amazonia without seeing the populations who were building their humanity there. Hundreds of men, women and children died from epidemics and bullets, hundreds of kilometres of rivers and forests were and still are destroyed by placer mining. The great crisis that shames us today has already befallen these courageous and resilient people on other occasions. However, these images of fragility and pain broadcast by the media do not represent the Yanomami people – they reveal the consequences of the ignorance, greed and inhumanity of the *napê*.

The Yanomami are beautiful, strong, wise. They adorn themselves with feathers and urucum (annatto) paintings, cultivating fields and managing the forest, building monumental houses in the middle of the forest with their fantastic architecture. The joy of the children, the great ritual ceremonies, the stories and chants are the legacy of this people who hold the sky up with their *pajelanças* (shamanism) for the good of us all. Nagakura-san has been to Demini village with Ailton Krenak twice. He was enchanted by the wisdom of the people, the joy of the children and the profound knowledge of the great leader Davi Kopenawa Yanomami.

Os Yanomami, em seus diversos subgrupos que se deslocam e criam suas aldeias nas florestas do extremo norte do Brasil, talvez sejam o último grande grupo humano vivendo de forma tradicional e livre, com seu conhecimento, sabedoria e arte à semelhança de seus ancestrais criados por Omama.

Durante milhares de anos viveram com saúde, desenvolvendo suas tecnologias da floresta, sem nenhuma dependência do mundo que se agitava e se fechava em torno de suas aldeias. Referências sobre eles existem em relatos desde o começo do século 20, mas a pressão dos *napê* – os estrangeiros/inimigos – só chegou de forma avassaladora e destrutiva nas décadas de 1960 e 1970, os anos de ditadura, quando o governo decidiu ocupar “o grande vazio” da Amazônia sem enxergar as populações que ali construíam sua humanidade. Centenas de homens, mulheres e crianças morreram vítimas de epidemias e balas, centenas de quilômetros de rios e florestas foram e ainda são destruídos pelos garimpos. A grande crise que hoje nos envergonha já se abateu outras vezes sobre esse povo corajoso e resistente. No entanto, as imagens de fragilidade e dor veiculadas pela mídia não representam o povo Yanomami, mas revelam as consequências da ignorância, ganância e desumanidade dos *napê*.

Os Yanomami são belos, fortes, sábios. Enfeitam-se de plumas e pinturas de urucum, cultivando roças e manejando a floresta, construindo casas monumentais no meio da mata com sua arquitetura fantástica. A alegria das crianças, as grandes cerimônias rituais, as narrativas e cantos são o legado desse povo que mantém o céu suspenso, com suas pajelanças, para o bem de todos nós.

Nagakura-san esteve na aldeia do Demini com Ailton Krenak por duas vezes. Encantou-se com a sabedoria do povo, com a alegria das crianças e o profundo conhecimento do grande líder Davi Kopenawa Yanomami.

RORAIMA E AMAZONAS, VENEZUELA
tempo de contato
Mais permanente
há cerca de 70 anos
tronco linguístico
Língua Yanomami
população
Cerca de 28 mil
(no Brasil)

RORAIMA AND AMAZONAS, VENEZUELA
time since first contact
Most permanent
roughly 70 years
linguistic stock
Yanomami language
population
Approximately 28,000 people
(in Brazil)

Huni Kuin — Kaxinawá

O povo Huni Kuin viveu tranquilo nas bacias dos rios Juruá e Jordão até o final do século 19, quando a borracha se tornou artigo valioso e cobiçado, e os povos nativos, que conheciam a floresta e tinham o domínio da extração do látex, foram escravizados pelos patrões de seringa, no que chamam de tempo da "correria". A partir da década de 1970 começam a viver o tempo do renascimento, quando recuperam a tradição adornecida durante décadas de escravidão e violências e se afirmam em sua identidade.

Os Huni Kuin – “gente de verdade” – são conhecedores profundos da ciência da floresta transmitida aos ancestrais pelos *Yuxin*, os espíritos/encantados, e através da sabedoria do *Nixi pae* – a ayahuasca. Assim, têm tudo de que precisam para a vida na floresta: a medicina, a cura, o cultivo dos alimentos, a habilidade da arquitetura e da navegação.

As mulheres são as donas dos *kenes*, os desenhos tradicionais do povo Huni Kuin, transmitidos por Yube – a Jiboia – e expressos na arte de tecer, pintar o corpo, fazer cestaria e painéis de barro. A tecelagem, transmitida por Baxem pudu, a Aranha, transforma os fios de algodão tingidos com as tintas da floresta em redes, adornos e nas roupas tradicionais do povo.

Nagakura-san subiu o rio Tarauacá até quase a divisa com o Peru, em dias de navegação em tempos de seca. Na aldeia, o fotógrafo se alegrou com as crianças e mulheres em seus trajes tecidos com as cores da floresta.

The Huni Kuin people lived peacefully in the Juruá and Jordão river basins until the end of the 19th century, when rubber became a valuable and coveted commodity, and the native peoples, who knew the forest and mastered the technique of latex extraction, were enslaved by the rubber bosses, in what they call the "rush". From the 1970s onwards, they began to experience a renaissance, recovering the tradition that had lain dormant throughout decades of slavery and violence, and affirmed their identity.

The Huni Kuin – “real people” – are profound connoisseurs of the science of the forest conveyed to their ancestors by the *Yuxin*, the spirits/enchanted ones, and through the wisdom of the *Nixi pae* – ayahuasca. So they have everything they need for life in the forest: medicine, healing, the cultivation of food, the skill of architecture and navigation.

The women are the owners of the *kenes*, the traditional drawings of the Huni Kuin people, transmitted by Yube – the boa constrictor – and expressed in the art of weaving, body painting, basketry and clay pots. Weaving, passed on by Baxem pudu, the Spider, transforms the forest ink-tinged cotton threads into hammocks, adornments and traditional clothing.

Nagakura-san sailed up the Tarauacá River almost to the border with Peru during the dry season. In the village, the photographer was delighted with the children and women in their costumes woven in the colours of the forest.



Leopardo Sales Kaxinawá. Povo Huni Kuin/Kaxinawá. Década de 1990. *Huni Kuin/Kaxinawá people. 1990s.*

RIOS TARAUACÁ, JORDÃO, BREU, MURU, ENVIRA, HUMAITÁ E PURUS, ACRE, AMAZONAS E PERU
tempo de contato
Cerca de 120 anos
tronco linguístico
Pano
população
Cerca de 10 mil pessoas

TARAUACÁ, JORDÃO, BREU, MURU, ENVIRA, HUMAITÁ AND PURUS RIVERS, ACRE, AMAZONAS AND PERU
time since first contact
Roughly 120 years
linguistic stock
Pano
population
Approximately 10,000 people

Ashaninka



Hero Ashaninka. Povo Ashaninka. Década de 1990. *Ashaninka people. 1990s.*

VALE DO RIO JURUÁ – ACRE E PERU
tempo de contato
Cerca de 120 anos
tronco linguístico
Aruak
população
Cerca de 3 mil pessoas
(no Brasil)

VALLEY OF THE JURUÁ RIVER – ACRE AND PERU
time since first contact
Roughly 120 years
linguistic stock
Aruak
population
Approximately 3,000 people
(in Brazil)

Akrâtikatêjê — Gavião da Montanha

O povo conhecido como Gavião, habitante das margens do rio Tocantins, passou a sofrer com o avanço dos *kupen* – estrangeiros/brancos – no final dos anos 1930, quando o interesse pela castanha mobilizava empresários e políticos na região de Marabá. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) tentou por vários anos a pacificação desse povo guerreiro para evitar que fosse dizimado pela população local. Os choques violentos com os invasores e as mortes por epidemias reduziram o povo a trinta por cento de sua população original. O contato do SPI com os grupos Gavião só aconteceu a partir do final da década de 1940.

Depois veio o tempo de exploração da mão de obra dos indígenas na coleta da castanha pelo próprio SPI e, a partir da década de 1970, pelas grandes obras do governo militar, que mais uma vez impactaram a vida e a cultura desse povo guerreiro.

Seu território foi cortado por estrada, ferrovia e linhas de transmissão de energia, aldeias foram alagadas pela hidrelétrica de Tucuruí. Foram décadas até que eles se reerguessem e retomassem os rituais, as festas, o orgulho de sua identidade, a alegria de viver.

Nagakura-san visitou a aldeia de Mãe Maria, onde fez poucos registros fotográficos. A única imagem do povo Gavião da Montanha nesta exposição retrata a destruição e o grande líder Payaré com seu filho e uma sobrinha, num barco, no grande lago de Tucuruí, sobre sua antiga aldeia submersa.

PARÁ
tempo de contato
Mais intensivo
a partir de 1920
tronco linguístico
Jê, língua Timbira
população
Cerca de 800 pessoas

time since first contact
More intense
since the 1920s
linguistic stock
Jê, Timbira language
population
Approximately 800 people



Hônpryre Rônôre jônpiiti, conhecido como Payaré; seu filho Kôjîtôti, conhecido como Claydivaldo Costa Valdenilson; e sua sobrinha Hákajwji Lima Harãxàre. Década de 1990. *Hônpryre Rônôre jônpiiti, known as Payaré; his son Kôjîtôti, known as Claydivaldo Costa Valdenilson; and his niece Hákajwji Lima Harãxàre. 1990s.*

The people known as Gavião (Hawk), who live along the banks of the Tocantins River, began to suffer from the advance of the *kupen* – foreigners/whites – in the late 1930s, when a business and political interest in Brazil nuts stirred in the Marabá region. For several years, the SPI (Indigenous Peoples Protection Service) tried to pacify these warrior people to prevent them from being decimated by the local population. Violent clashes with the invaders and deaths from epidemics reduced the people to thirty percent of their original population. The SPI only made contact with the Gavião groups as from the late 1940s. Then came the time of indigenous labour being exploited by the SPI itself to gather Brazil nuts and, from the 1970s

onwards, by the military government's large-scale building works, which once again affected the life and culture of this warrior people.

Their territory was sliced through by road, rail and power transmission lines, and villages were flooded by the Tucuruí hydroelectric dam. It took decades for them to recover and resume their rituals, festivals, their pride in their identity, their joy of living.

Nagakura-san visited the village of Mãe Maria, where he managed to take some photographs. The only image of the Mountain Hawk people in this exhibition depicts destruction and the great leader Payaré with his son and a niece, in a boat, on the great lake of Tucuruí, over their ancient, submerged village.

BANCO DA AMAZÔNIA

Diretoria Executiva
Executive Board

Presidente
Chair
Luiz Lessa

Diretoria de Tecnologia – DITEC
Director of Technology
José Maria de Lima Quinto Filho

Diretoria Corporativa – DICOP
Corporate Director
Diego Santos Lima

Diretoria de Controle e Risco – DICOR
Director of Control and Risk
Fábio Yassuda Maeda

Diretoria Comercial – DICOM
Commercial Director
Joana Emília Ramos Lima

Diretoria de Crédito – DICRE
Credit Director
Roberto Batista Schwartz
Martins de Paula

HIROMI NAGAKURA ATÉ A
AMAZÔNIA COM AILTON KRENAK
*HIROMI NAGAKURA ALL
THE WAY TO THE AMAZON
WITH AILTON KRENAK*

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

Realização
Realization
Instituto Tomie Ohtake

Curadoria
Curatorship
Ailton Krenak

Assistência de Curadoria
Assistant Curators
Angela Pappiani
Eliza Otsuka
Priscyla Gomes

Acompanhamento Institucional
Institutional Monitoring
Ana Roman
Sabrina Fontenele

Produção e Coordenação
de Montagem
*Production and
Installation Coordination*
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Maria Fernanda Rosalem
Pedro Lemme
Rodolfo Borbel
Tamara da Silva Pereira
Victor Constantino

Projeto Expográfico
Exhibition Design
Ligia Zilbersztejn
Rian Tito

Design Gráfico
Graphic Design
Catê Bloise
Felipe Carnevalli
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Proofreading
Armando Olivetti
Divina Prado
Felipe Carnevalli

Tradução
Translation
Ben Kohn
Pedro Lemme

Montagem
Installation
Arcos Exposições

Museologia
Museology
Arcos Exposições

Cenografia e Pintura
Scenography and Painting
Arcos Exposições

Impressão e Sinalização
Printing and Exhibition Signage
Mais Comunicação Visual & Arte

Transporte
Shipping
Millenium Transportes

JORNAL
NEWSPAPER

Coordenação
Coordination
Instituto Tomie Ohtake

Projeto Gráfico
Graphic Design
Catê Bloise
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Textos
Texts
Ailton Krenak
Angela Pappiani

Revisão
Proofreading
Armando Olivetti
Divina Prado
Felipe Carnevalli

Tradução
Translation
Ben Kohn
Isabela Maia

Impressão
Press
Ipsis Gráfica e Editora

ISBN
978-65-89342-70-0

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui expostas e publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br *The Instituto Tomie Ohtake has made every effort to identify the copyright holders of the artworks/images published here, as well as the individuals depicted in the photographs. If you recognize yourself or identify any work of your authorship, please contact us at instituto@institutotomieohtake.org.br.*



Bastidores – Ailton Krenak e Hiromi Nagakura nas florestas do Acre. Década de 1990. *Behind the scenes – Ailton and Nagakura in the forests of Acre. 1990s.*

LOJA TOMIE

Envios para todas as regiões do Brasil.
+ 20% off em todos os produtos para membros do Programa Amigos Tomie.

lojatomie.org.br

INSTITUTO TOMIE OHTAKE